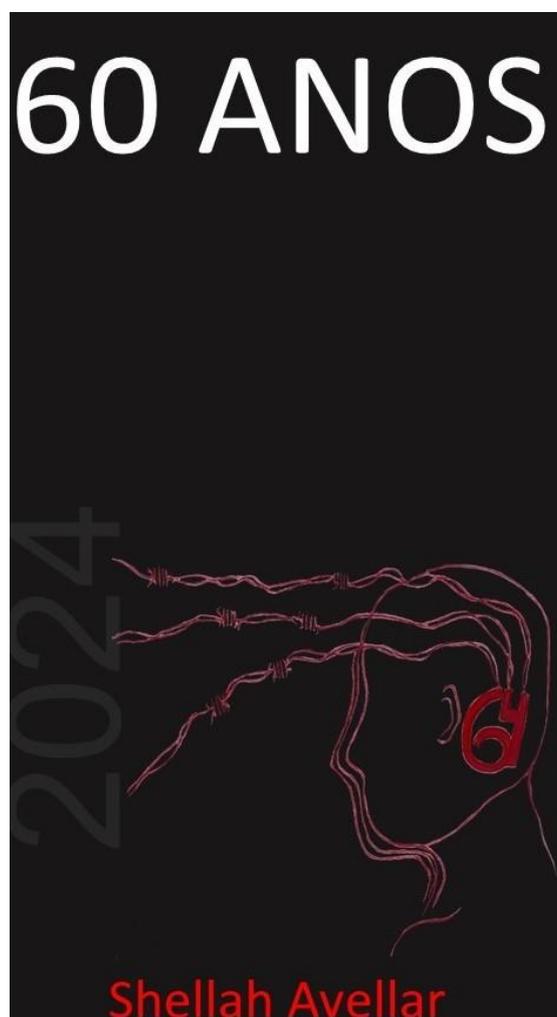


VOLVER A LOS 64

BACK TO 64

DOI 10.5281/zenodo.15118151

Shellah Avellar¹



¹ Relato da jornalista, escritora e arquiteta Shellah Avellar para o dossiê “Brasil, 1964-2024: perspectivas sobre o passado e o presente na luta contra o negacionismo”. Pequena nota autobiográfica no final do texto. E-mail: shellah2811@gmail.com. Original disponível no site Blog Sensorion <<https://blog.sensorion.com.br/2024/01/11/volver-a-los-64-shellah-avellar-2/>> Acesso 10.11.2024.

*Volver a los diecisiete después de vivir un siglo
Es como descifrar signos sin ser sabio competente
Volver a ser de repente tan frágil como un segundo
Volver a sentir profundo como un niño frente a
Dios
Eso es lo que siento yo en este instante fecundo*
Violeta Parra, "Volver a los 17"

Imagem 1: Evandro Teixeira - Rio, 31 março de 1964.



Fonte: Blog Sensorion

2014

Subindo o tom doloroso até o sublime, minha fala tem um quê de garota, quando se trata do golpe militar de 1964, que está completando agora 50 anos.

Brusca epifania que me aperta a garganta.

Na época eu tinha nove anos de idade. Não sabia do que se tratava. Somente que, de repente, minha casa virou um pandemônio. Ora militares do Exército, ora da Polícia Militar chegavam sem avisar e sem pedir licença e jogavam tudo pelos ares e nos reviravam pelo avesso.

Numa destas vezes, eu brincava no quintal, sol a pino, e uma sombra por detrás me fez voltar a cabeça. E me deparei com uma metralhadora bem diante do meu nariz. Enquanto isso, outros invadiam minha casa.

A imagem de minha mãe desfalecendo na porta de entrada.

Meu avô trancando as portas e janelas de sua casa, que ficava no mesmo quintal.

Os livros tão amados por meu pai e por mim sendo jogados numa fogueira, sob meus protestos e prantos.

Durante alguns muitos anos, eu ainda desmaiava quando via um carro de polícia ou caminhão verde de manobras do Exército.

Não se falava no assunto. *Bullying* na escola, quando colegas me importunavam pedindo informações: “Por onde anda o seu pai???”. Naturalmente orientadas pelos pais deles para que eu revelasse o paradeiro do meu e pudessem eles mesmos denunciá-lo à repressão, ou por simples mórbida curiosidade.

Naturalmente não sabia o que era ser esquerda no país.

As incoerências me avassalam hoje, tanto quanto antigamente. Via meu pai ser recriminado e eu também, por tabela, por ser a filha do comunista.

Recebi certa vez uma carta dele, por intermédio de um cadete, em que me explicava que estava preso por pensar diferente dos homens do poder e não porque havia cometido algum crime, do tipo roubar ou matar.

Na verdade, ainda nem sabia que ele estava preso, tamanha era a confusão em que nossas vidas haviam se transformado.

Silêncios. Cochichos. Mistérios. Medo.

E solidão. Muita solidão.

A ARTE IMITA A VIDA?

Em 1997, assisti ao filme *O que é isso, companheiro?*² Dirigido por Bruno Barreto. Baseado no livro homônimo de Fernando Gabeira. E dei muita risada. Coisa curiosa ver atores e atrizes, cuja característica principal era o humor (por causa das atuações em divertidas séries televisivas), em papéis de drama extremo. Luiz Fernando Guimarães, Fernanda Torres, Pedro Cardoso e Cláudia Abreu, atores que respeito muito e admiro, fazendo os revolucionários e sequestradores. Não me comovia. Não me atravessava, naquele momento.

Entretanto, num dia qualquer de 2003, aqui em São Paulo, fui assistir *Kamchatka*³, sem ler sinopse, tampouco resenhas. Pelo título, achei que deveria ser algum filme com cenário oriental. Totalmente desavisada e com minha filha, que deveria ter uns nove aninhos, me sentei, com pipocas em punho. À medida que o filme foi acontecendo, pela visão de um menino de nove anos, cujos pais eram militantes na ditadura da Argentina (1976-1983), fui me vendo, não na história em si, fui me identificando com o olhar de quem vivenciou aqui no Brasil aquela solidão. A falta de informação e o medo. As cenas se sucediam e uma, em especial, em que o menino corria atrás do carro dos pais, me remeteu a um dia, quando chegava da escola e vi um jipe do Exército levando mais uma vez o meu pai. E eu correndo gritando atrás do jipe na esperança de tentar deter mais uma vez o sumiço dele. O desespero do menino e aquela sensação de perda e de abandono me aterraram e despenquei num choro convulso e catártico dentro do Cine Lumière, no Itaim Bibi. Luzes se acenderam. Havia umas quinze pessoas. Fui até o toailete e lá continuei num pranto convulso que jorrava desapontamento, cicatrizes indeléveis de um tempo ladrão de alegria e sequestrador de

² *O Que é Isso, Companheiro?* Direção Bruno Barreto. Brasil. Ano 1997. Disponível < <https://www.youtube.com/watch?v=3FqB35BLt8I>> Acesso 10.11.2024.

³ *Kamchatka*. Direção Marcelo Piñeyro. Argentina. Ano 2002. Disponível < <https://www.youtube.com/watch?v=efs26fn7bPU>> Acesso 10.11.2024.

ilusões. Era o disparador de tantas mágoas contidas. De tanto desconhecimento. De tanta dor. Ainda assim voltei para ver o filme e continuei soluçando durante a projeção.

Minha filha, em sua ingenuidade, sacou: “Você tá assim porque se lembrou do vovô?”. Isso, sem nem sequer tê-lo conhecido, porque ele morrera num “acidente” de carro em 1971. E ela nasceu em 1993.

O NÃO PERTENCIMENTO

Mas, e daí? Cresci achando que meu pai morreu num acidente trágico. Hoje, cinquenta anos após sua morte, alguns insistem na hipótese de não ter sido acidente. E me vejo às voltas com a Comissão da Verdade, procurando “agulha no palheiro”.

Mais um baque num corpo emocional que acredita ter superado essa questão, que, entretanto, volta sempre a incomodar. Reverencio a revolucionária que em mim habita, defendo-a e encaro a disciplina que ela exige para se realizar. Volto à juventude que clamava por um mundo ainda possível naquele realismo utópico, de “resistência”.

Vejo tantas e tantas reportagens, artigos, pontos de vista sobre estes 50 anos do golpe. Entretanto, tem gente da minha geração que passou por ela e não sabe que ela existiu.

Mais uma vez, este sentido de “não pertencimento” me acomete. Não se ouviam os gritos. Não se presenciavam os horrores. Tudo era minuciosamente camuflado dos sentidos dos homens comuns. Só rufavam os tambores para os “de esquerda”. Para os que se achavam inteirados de tudo e lutavam pela Liberdade. Liberdade, esta, questionável aos olhos da elite conservadora e do sectarismo da Igreja. Não me reconhecia e não me reconheço ainda nestes moldes de hipocrisia.

Hipocrisia, esta chaga que sangra e se arraiga cada vez mais nos modelos do establishment.

BASTA!

Sei lá se escrevo bem. Sei lá se estou sendo fiel aos mártires deste holocausto brasileiro, pelo valor universal que eles merecem por uma luta à altura de sua história.

Fiz protestos. Shows em universidades. Peças de teatro e festivais de música. Muito antes de ser uma universitária. Queria que ouvissem o grito da minha dor. Era uma graça que me concedia para me suprir da minha própria perda.

Continuo hoje tentando ser solidária a meus sentimentos e a minha verdade grita: “Chega!”.

Basta de se esconder debaixo da capa burguesa que corrompe tudo que toca. Destas amostras de barro que nos formatam, endurecem e paralisam em nome de uma vida melhor. Das etiquetas e do status que determinam nosso padrão de vida, como “bem ou malsucedido” pelas posses, pelos cargos, pelos títulos e pelas aparências.

Não me detenho mais em nome de nenhuma doutrina, partido, associação, seita ou facção. Sigo em meu próprio nome. Na verdade, vou (me) esculpindo, dia após dia, ao encarar e transmutar minhas crenças provisórias.

Me interessa “tentar”, ao menos, ser coerente com o que penso e digo. Para não dar distorção e me transformar num ser humano amorfo, cuja legenda está fora de sincronismo. Dou lugar àquela criança impetuosa.

Não sou de direita. E me recuso a ser muro. Pendo, sim, para a esquerda. Porque é na esquerda que reconheço, através dos séculos de história de exploração do homem pelo homem, que vem gritar contra as injustiças sociais, contra os preconceitos, contra as discriminações de qualquer tipo, gênero, raça, fé e poder econômico.

Não me filiei a nenhum partido nem a nenhuma facção política, a fim de continuar livre para ir e vir. As associações e instituições refletem os preconceitos e estereótipos de seus dirigentes. E cada uma, a seu modo, tenta nos incutir seu *modus vivendi*, estendendo seus tentáculos para nos transformar em seres robóticos, acomodados numa forminha de gelo, a seu bel-prazer.

À LA GAUCHE

Volvendo à esquerda, quando ela cumpre seu papel revolucionário de ir contra a corrente, do abuso de poder e das ideias. Sejam elas quais forem. Principalmente se ela está a favor dos fracos e oprimidos, dando a eles condição de sair de sua triste condição e ensinando-os a lutar pelos seus direitos, qualificá-los pessoal, profissional e socialmente, mas sem desconhecer seus deveres. Assim como há pobres soberbos, há ricos humildes. O homem imprime seu valor com ações e frutos. O subversivo é quem subverte o que oprime. Jesus era subversivo aos olhos do governo de Roma. Não havia outra solução a não ser eliminá-lo, por um motivo qualquer, como continuam fazendo com quem incomoda o poder vigente. Há casos em nossa própria história, como Tiradentes e mesmo o contraditório Calabar, que decidiu trocar de lado, a favor talvez de um proto-povo brasileiro. E tantos outros por aí afora.

Imagem 2 - Protesto contra a ditadura, 1968, Rio de Janeiro.



Fonte: Blog Sensorion

DESANIVERSÁRIO

Nos 50 anos de (des)aniversário do golpe de 64, só me lembro de que perdi meu pai tantas e tantas vezes. Ora pelo desconhecimento de onde ele estava. Ora pela própria militância. Ora pela Polícia Militar. Ora pelo Exército. E, finalmente, pela própria morte, em 1971.

E me desculpem os que se consideram “de direita”. Os que se consideram os certos e bem direcionados na vida. Os formadores de opinião. E mesmo alguns acadêmicos e intelectualizados da elite da esquerda. Muitos destes nem sequer sabem o que é militância.

Só me lembro do seu olhar, na hora de irmos embora, quando íamos visitá-lo, quando finalmente soubemos onde ele estava.

E do dia em que finalmente voltou para casa e seus amigos lhe perguntaram qual o sabor da Liberdade. Ele respondeu que ainda era cedo para descrever. Com seus braços amarelos de nicotina até o cotovelo, olheiras fundas, manchas roxas e afundamentos por todo o corpo esquelético. E uma tristeza milenar, que identifico nos olhos de Che Guevara, de Mandela, de Gandhi. Tais como os olhos de Jesus em suas tantas representações pictóricas. Imagens que vêm, vez por outra, atormentar meus eternos questionamentos.

Idealismo? Endeusamento? Sei lá...

Meu pai era um pobre militante anônimo para as estrelas da luta armada em todo o país. Como centenas de outros hoje desaparecidos, sem paradeiro, sem história. Apenas um fantasma que nos assombra. Em nome de um passado sem glórias.

Mas, para mim, era, e é, um herói que me ensinou, pelo exemplo, que todos os homens são iguais, e também a não se curvar diante da ilusão de poder, seja ele qual for.

Imperfeito. Assumia suas incoerências. E ouvia com atenção minhas admoestações de menina e moça. Me dando ares de importância. Apoiava minha forma de realizar e me deixava livre para errar e acertar por minha própria conta. Parece que sabia que iria logo embora e procurou passar, desde cedo, livros e ensinamentos, em que me calco até hoje.

Simple. Direto. Uma oralidade ímpar. Carismático e amado por todos, ou quase. Naturalmente não pelos que se consideravam os baluartes da história dos supostos não pensantes. Ele, para estes, era a ovelha negra, a ser extirpada da sociedade. Mas o seu amor incondicional pelo ser humano me encantava e me comove até hoje. Guardo de 64, e dos anos de ditadura, marcas que dificilmente o tempo apagará. Assim como alfinetes esquecidos por algum alfaiate distraído. Mas não faço a apologia da necrofagia. Entretanto, apesar das infâmias praticadas em nome da lei e da ordem, nenhuma especulação escapará da trágica realidade da história.

Mas o amor que aprendi com este amigo, irmão, companheiro e só por acaso meu pai me acompanha, e me faz não desistir cada vez que encontro muralhas de incompreensão. E, resistindo à hipocrisia, me rendo à Liberdade.

Oh! Liberdade! Liberdade! Que ela abra suas asas sobre nós.

E volvo a los nueve, doce, diecisiete, dieciocho, tantas vezes quantas forem necessárias, para louvar o presente de ter tido Almir Mendes Avellar como meu pai, meu país, nesta “encadernação”.

Nota da autora

Escrevi esta matéria em 2014. No (Des)aniversário de 50 anos do Golpe Militar de 1964. Este texto, despertou a atenção de vários jornalistas, e também da Comissão da Verdade. Fui entrevistada pelo Jornalista Pedro Robles para o site MEMÓRIAS DA

DITADURA.⁴ (Memórias da ditadura – Instituto Vladimir Herzog) que percebeu minha agitação e me recomendou para a Clínica do Testemunho do Instituto de Projetos Terapêuticos -projeto de um grupo de Psicanalistas e Psicólogos que acolhiam em rodas de conversa e desabafos os ex-presos políticos, exilados e seus filhos e netos. Este projeto durou 2 anos e lá fui recebida com calor humano por todas e todos e pude falar com tranquilidade sobre o assunto depois de quase 45 anos de *silenciamento*. Fui orientada por meus companheiros das Clínicas do Testemunho a solicitar ao Arquivo Nacional, informações sobre meu pai. Descobri, em arquivos do jornal Última Hora, e outros periódicos, tais como, a Luta Democrática, Correio da Manhã, O Fluminense, Novos Rumos e Tribuna da Imprensa, que ele tinha sido o criador e presidia por dois mandatos a União dos Trabalhadores de Barra do Piraí, RJ .Liderou a Criação do Pacto Intersindical do Vale do Paraíba, em apoio ao Marechal Lott, enquanto ministro da Guerra, e posterior candidato ao governo federal e era cicerone de Luiz Carlos Prestes pelo estado, dentre outras atividades. Todos os candidatos à presidência o procuravam, para articular apoio no estado do Rio de Janeiro.

Vale lembrar, que na época, Barra do Piraí era o “maior entroncamento ferroviário da América Latina”, dando acesso ao Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, portanto, local estratégico, no mapa do emaranhado político.

Almair Mendes de Avellar, foi vítima de um acidente automobilístico, na estrada de Valença-Barra do Piraí, RJ em 03 de fevereiro de 1971, depois de participar de uma reunião com outros militantes, onde, conforme consta no arquivo nacional, havia um “infiltrado”. Resta a dúvida e o questionamento. E a possível impunidade. Dentre tantas outras pelo Brasil afora.

⁴ Memórias da Ditadura – Instituto Vladimir Herzog. Disponível em < <https://vladimirherzog.org/memorias-da-ditadura-4/>> Acesso em 10.11.2024.

Quanto a mim, pós Clínica do Testemunho, participei do projeto Margens Clínicas e Cursos de Justiça Restaurativa, e segui, e sigo, participando de Rodas de Conversa e debates com outros afetados pela Ditadura Militar de 1964.

Posto aqui o registro da Oficina Retalhos de Memória da *designer* Camila Sipahi, que fazia parte de nosso grupo, onde bordamos sobre fotos nossas e de nossos queridos e queridas, redefinindo as memórias e reconstruindo os cacos da devastação que a Ditadura Militar deixou em nossos corpos, corações e mentes.

Posto aqui o registro da Oficina Retalhos de Memória⁵ da *designer* Camila Sipahi, que fazia parte de nosso grupo, onde bordamos sobre fotos nossas e de nossos queridos e queridas, redefinindo as memórias e reconstruindo os cacos da devastação que a Ditadura Militar deixou em nossos corpos, corações e mentes.

Nas Clínicas do Testemunho, através dos Projetos Terapêuticos e memórias de dores revividas como resquícios da Ditadura Militar, alinhavamos-nos uns aos outros. Aprofundamos a busca por relações mais profundas, entremeadas por emoções recortadas e bordadas no processo.

⁵ Retalhos de Memória. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ADmAvcX6DuM>> Acesso em 20.11.2024.



Este Estandarte está exposto no MEMORIAL DOS DIREITOS HUMANOS em Belo Horizonte, MG

2016

Aos berros de uma evocação à família e à igreja, destituíram a primeira mulher eleita presidenta do Brasil.

O *impeachment* de Dilma Rousseff foi um processo de afastamento da presidente da República Federativa do Brasil, iniciado em 2015 pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha. Dilma foi acusada de crime de responsabilidade fiscal⁶, por contratar operações de crédito com instituição financeira controlada pela União e editar decretos de crédito suplementar sem autorização do Congresso Nacional. O impeachment foi concluído em 31 de agosto de 2016, com a condenação de Dilma pelo Senado Federal, por 61 votos a 20.⁷

⁶ Disponível em < <https://www.todamateria.com.br/impeachment-de-dilma-rousseff/>> Acesso em 10.11.2024.

⁷ Disponível em < <https://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/sentenca-de-dilma-rousseff-no-julgamento-do-impeachment.html>> Acesso em 10.11.2024.

Finalmente, por unanimidade, o Tribunal Regional Federal (TRF) da 1ª Região, sediado em Brasília, manteve 21 agosto de 2023, a decisão que arquivou uma ação de improbidade contra a ex-presidente Dilma Rousseff sobre o caso das “pedaladas fiscais”.

Dilma Rousseff foi oficializada no comando do Novo Banco de Desenvolvimento, também conhecido como BRICS, em Shanghai, China.

2020

A pandemia do Covid 19, e suas mutações, disparou como um raio sob o descontrole de um governo eleito pelo povo, em 2018 (pasmem) pós-novo golpe em 2016.

2021

O Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) confirmou a decisão do ministro Edson Fachin que, ao declarar a incompetência da 13ª Vara da Justiça Federal de Curitiba (PR), anulou as ações penais contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva por não se enquadrarem no contexto da operação Lava Jato.

2022

Com mais de 702 mil brasileiros mortos pelo Covid, e outros tantos milhares internados em estado grave, e muitos, à espera de insumos, medicamentos, tratamentos, leitos e vacinas, o (des)governante tentou desesperadamente se manter no poder, desestabilizando as instituições, a economia, a educação, as ciências e as artes.

Uma arrogância cega que deixou um rastro de dor e miséria, e, ainda assim, hoje, encontra ressonância em seus vassallos, com os quais, articula constantemente perfídias contra o povo brasileiro.

2023

Após uma apertada disputa, Luiz Inácio Lula da Silva retorna à presidência, e, obstina-se em colecionar obras em prol do restauro da democracia, para manter sua promessa em grande estilo.

08 de janeiro de 2023

O Congresso Nacional, O Plenário do **Supremo Tribunal Federal (STF)** e o **Palácio do Planalto** são invadidos, em Brasília, com depredação do patrimônio público, tingindo de cinza, ainda que momentaneamente, a vitória de Novos Tempos para os brasileiros.

HOJE, 08 de janeiro de 2024

A Presidência convoca a nação, para que se manifeste a favor da DEMOCRACIA, em desagravo aos atos terroristas de 2023.

Embora eu considere legítimo o Ato e seus objetivos, e espero, sinceramente, que cumpra a intenção do Governo de marcar a resistência à barbárie, quero registrar aqui, meu descontentamento em relação à promessa, em janeiro e reforçada em março deste ano, de Reativação da Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos da Ditadura Militar de 1964.

Promessa esta, que ainda não foi cumprida, em nome de um pragmatismo político, que flerta com a procrastinação milenar que se arrasta há quase 60 anos, desrespeitando os militantes, idealistas e jovens universitários, que se imolaram por um Brasil mais justo, deixando um rastro de sangue e dores que respingou em suas famílias, ascendentes e descendentes, com sequelas profundas, algumas irreparáveis.

Hoje, integro o coletivo Filhos & Netos de Ex-Presos Políticos, Mortos, Exilados e Desaparecidos, Coalizão Nacional MVJRD, Comissão de Justiça e Paz de SP, Instituto

Alípio Freire, (entre outros), e testemunho as cicatrizes, e chagas ainda abertas, de meus pares e compartilho a sensação de impotência, em fazer ouvir nossa voz.

Apoio qualquer manifestação a favor da Democracia, porém, expresso aqui meu repúdio à afronta do descaso para com estes militantes que engrossam fileiras de resistência, nas ruas, nas redes sociais, congressos, seminários e plenárias, para que se perpetue a reedição do jogo democrático, principalmente “valorizados” em tempos de eleições.

Muitos estão partindo, sem sequer ter tido a possibilidade de Justiça e Reparação, por seus méritos, em vida.

Os que restaram, e suas sementes, ainda que claudicantes, rechearam o Ato em Defesa da Democracia, esvaziado pelas férias ou, talvez mesmo por cansaço, em função dos arranjos que vêm sendo feitos, para manter “os mesmos” no poder, desde sempre. Abrigam em seu cerne os traidores e mantêm “eclipsados” os verdadeiros aliados, e, usam a massa ainda cega, a seu favor, para empanar o possível “desastre” de não serem fiéis e éticos a si mesmos e aos seus propósitos antes deflagrados como bandeiras de reeleições.

Torço e anseio, para que a “etiqueta política” não deixe passar mais uma vez a oportunidade de se redimir com estes personagens estoicos, dos anos nefastos da história do país, onde o horror grita até hoje por Verdade e Memória.

Deixo claro, que o fato de apoiarmos as manifestações de 08 de janeiro de 2024, não arrefecerá a nossa luta. E, esta afirmação inquieta, se fará presente e, intermitentemente, teceremos a malha que autenticará nossa oposição veemente ao esquecimento que está dando lugar ao “cerimonial”.



Shellah Avellar, *Uma eventualidade que permanece aberta. Sobrevivente e aprendiz. Escritora, Jornalista, Arquiteta. Graduada em Ciências Exatas e Pós-Graduada em Gestão de Processos Comunicacionais. Premiada nacional e internacionalmente, cria e executa Projetos Especiais de Comunicação, Cultura e Responsabilidade Social. O que a revela muito pouco.*

Recebido em outubro de 2024
Aceito em dezembro de 2024